

RESENHA

Modernidade Líquida

Liquid Modernity

Marta Serra Young PICCHIONI

RESUMO

A presente resenha aborda o fenômeno de liquefação social descrita por Bauman e suas repercussões para as vidas humanas nas suas diferentes esferas. Entre a liberdade e a insustentabilidade em pairar sem apego algum, o autor discute a questão do consumo e das novas sintomatologias individuais. Desapego e incerteza, identidade e privatização da esfera pública são alguns tópicos brevemente aqui abordados.

Palavras-chave: consumo, identidade, modernidade líquida, liberdade.

ABSTRACT

The present review approaches the social liquefaction phenomenon described by Bauman and its repercussions for the human beings lives in its different spheres. Between the freedom and the impossibility to fly away without safe ballast, Bauman argues the question of the consumption and the new individual disorder. Indifference and uncertainty, identity, and privatization of the public sphere are some topics briefly discussed here.

Index Terms: consumption, freedom, identity, liquid modernity.

Milan Kundera retratou “a insustentável leveza do ser” como o centro da tragédia do mundo moderno. A leveza e a velocidade (juntas!) foram oferecidas por Ítalo Calvino, inventor de personagens totalmente livres (completamente livres porque são inalcançáveis, escorregadios, impossíveis de prender) — o barão que saltava sobre as árvores e o cavaleiro sem corpo — como as últimas e mais plenas encarnações da eterna função emancipatória da arte literária.

(Bauman, 2001, p. 138)

No livro *Modernidade Líquida*, o sociólogo Polonês Zygmunt Bauman, descreverá com maestria as transformações sociais pelas quais passa a sociedade contemporânea em todas as esferas: vida pública, privada, relacionamentos humanos, mundo do trabalho, estado e instituições sociais.

Bauman falará do esgarçamento do tecido social e de suas conseqüências para o âmbito dos relacionamentos humanos através da metáfora da liquefação.

Segundo ele, a solidez das instituições sociais, (do estado de bem-estar, da família, das relações de trabalho, entre outras) perde espaço, de maneira cada vez mais acelerada, para o fenômeno de liquefação. De acordo com essa metáfora, a concretude dos sólidos, firmes e inabaláveis, derrete-se irreversivelmente, tomando, paradoxalmente, a amorfabilidade do estado líquido.

Fluidez, maleabilidade, flexibilidade e a capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas, são algumas das características que o estado liquefeito conferirá às tantas esferas dos relacionamentos humanos citados anteriormente.

Como conseqüência, vivemos um tempo de transformações sociais aceleradas, nas quais as dissoluções dos laços afetivos e sociais são o centro da questão. A liquefação dos sólidos explicita um tempo de desapego e provisoriedade, uma suposta sensação de liberdade que traz em seu avesso a evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos.

O termo indivíduo refere-se aqui ao crescente processo de individualização descrito pelo autor. O desprendimento das redes de pertencimento social — incluindo aí a própria família — caminha em paralelo com o processo de individualização como característica central da constituição das novas subjetividades.

Neste contexto, a cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas. Relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de leveza e descompromisso, que é muitas vezes associada à liberdade individual.

O outro lado dessa suposta liberdade vem com o crescente movimento de criação de novas patologias, próprias da modernidade líquida. Depressão, solidão, desamparo, isolamento são, no plano do indivíduo, queixas cada vez mais frequentes. Na esfera social, temos as exclusões de toda ordem como sintoma de uma perversa sensação de liberdade e desterritorialização.

Pobres, migrantes, imigrantes, homossexuais, feios, gordos, pretos e estrangeiros. Todos pairam no ar sob o rótulo da exclusão ou, melhor colocado, da inclusão perversa. Os laços sociais aqui resumem-se a afiliação por guetos, o que levará Bauman a descrever um crescente processo de tribalização social. Neste aspecto, Bauman conversará com as idéias de vários outros autores, entre eles, o filósofo Richard Rorth quando este chama a atenção para o fato de a política ter migrado da esfera pública para privada, tornando-se aquilo que Rorth define como política cultural que, em sua visão, denota um esvaziamento do próprio ato de fazer política, ou seja, uno e público por condição.

Sobre essa questão, na obra resenhada, Bauman atenta para o fenômeno da colonização do espaço público pelos interesses privados. Em suas palavras: “O interesse público é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados” (p. 46).

A indiferenciação entre as esferas pública e privada vem como mais um sintoma do esfacelamento dos limites entre individual e social, sendo este último, cada vez mais privatizado de forma a funcionar de acordo com as leis do mercado.

Voltando, neste momento, à questão da (suposta) liberdade preconizada pela modernidade líquida, torna-se clara a percepção de que ser ou sentir-se livre para ir, vir e desapegar-se é status proporcional ao poder de consumo individual. Ter é ser e ser é estar. Na modernidade líquida não há compromisso com a idéia de permanência e durabilidade.

Neste panorama, as identidades estão à disposição do consumidor. Ser é, para aqueles que podem, consumir. Aos outros, todos os demais, excluídos perversamente do jogo ter/estar, resta ocupar a posição de vagabundos (em oposição aos turistas), bem explicitada por Bauman no livro *O mal estar da Pós-Modernidade*: “Os turistas viajam porque querem (e podem, diria eu); os vagabundos, porque não têm *nenhuma outra escolha*. Os vagabundos, pode-se dizer, são turistas involuntários” (p. 118).

Entre a possibilidade do desprendimento fluido como modo de vida e a imposição do mesmo para a imensa maioria, há um vácuo entre a liberdade e a incerteza, a emancipação e o total desamparo social e individual.

Como dizia Kundera, no início desse texto, a modernidade líquida vem nos evidenciando o quanto a (desejada?) leveza de ser é, por seu avesso, insustentável. No plano individual temos manifestações sintomáticas de depressão, solidão, entre outras; no plano social, temos aquilo que Jean

Baudrillard relata de forma crua e direta em seu livro *À sombra das maiorias silenciosas*. Ambos os autores, junto com Bauman, descrevem um panorama insustentável de violência, terrorismo e individualismo que evidencia a falência do projeto moderno-sólido de “ordem e progresso” para a instauração global e local de não-lugares ou de “terras-de-ninguém”.

As “terras-de-ninguém” padecem de anomia, ou de total ausência de normas sociais (claras e respeitadas por todos). Na era da exacerbação individualista todos e cada um seguem suas próprias convicções fazendo de seus semelhantes, coisas e demonstrando que a humanidade vive um processo de reificação ou de retorno à barbárie, a partir da desumanização dos indivíduos potencialmente humanos.

Bauman nos dá um brilhante panorama da sociedade contemporânea sem, contudo, nos fornecer proposições fáceis para romper com o perverso processo de liquefação da modernidade. No entanto, não por acaso, finaliza seu livro com o capítulo: “Escrever; Escrever Sociologia”. É aqui que, sem ser didático, Bauman nos aponta caminhos criativos de transcender o real a partir de novas resoluções. Escrever, pensar a partir das necessidades que se nos apresenta a realidade, criar saídas alternativas. Será através da escrita que Bauman aproxima o fazer poesia do pensar sociologicamente. Poetizar sociologia: eis aqui um caminho, um convite, para aqueles que não se contentam com meramente constatar os descaminhos da atualidade, mas, quem sabe, desvelar possibilidades ainda insondadas...

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Modernidade Líquida**. Título Original: Liquid Modernity. Tradução: Plínio Dentzien, autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, Oxford, Inglaterra. Jorge Zahar Editor, 2001. 258 p.

Autora

Marta Serra Young Picchioni é Psicóloga pela PUC-SP, professora do Instituto Superior de Educação de São Paulo –ISESP- e Mestranda pela FEUSP no programa Psicologia e Educação.

Como citar este artigo:

PICCHIONI, Marta Serra Young. **Modernidade Líquida**. Resenha in Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.